FÉ E POLÍTICA: REFLEXÃO SOBRE O (DES)INTERESSE PELAS ELEIÇÕES E A DIMENSÃO DA FÉ

João Luiz Correia Júnior[1]
Rafael Vilaça Epifani Costa[2]

Resumo

A cada ano vemos um maior desinteresse dos jovens pela política. As crises institucionais. Por outro lado, vemos uma crescente participação política de grupos religiosos cristãos, em sua maioria, de orientação fundamentalista. Em 2018, o Brasil terá novas eleições para os cargos do Legislativo e do Executivo, e a abstenção e desinteresse por parte da população com relação à política, pode ser um fator decisivo no resultado desse pleito. A participação política, além de um direito, constitui uma das bases da cidadania, em qualquer sociedade. Da mesma forma, tal princípio de cidadania se encontra presente nas Escrituras, em especial, no Novo Testamento, sendo parte, inclusive, da mensagem de Jesus de Nazaré. Qual será então, a importância da Política como uma dimensão da Fé Cristã, como elemento que molda e direciona a formação de uma sociedade ética e justa? Este trabalho buscará apresentar a prática cristã, baseada nos ensinamentos de Jesus, e prática da cidadania, a exemplo do voto e da participação nas eleições, como uma relação direta entre a Fé e a Política e sua importância nos nossos dias, em especial, na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Fé e Política. Bíblia. Cidadania. Eleições.

Introdução

Muita gente diz abertamente que não gosta de política. Referem-se à política partidária, pois afirmam que ninguém merece o seu voto, porque os políticos são corruptos, interessados tão somente em seu próprio bolso. Por isso, viram as costas à política e, consequentemente, às eleições.

Observa-se, inclusive, um declínio do interesse dos jovens pela política. Não se interessam e não expressam o mínimo desejo de participar da política, seja em nível estudantil, condominial, sindical ou partidária. Não percebem a importância cidadã dessa participação.

Uma matéria de jornal com o título “Jovens perdem interesse por título de eleitor” foi publicada no Diário de Pernambuco, dia 10 de agosto de 2014, a partir de informações obtidas do Jornal “O Estado de São Paulo”. Essa matéria traz

[1] João Luiz é natural do Recife. Doutor em Teologia. Professor na área dos Estudos Bíblicos e das Ciências da Religião. É assessor: do Conselho Arquidiocesano para o Laicato – Arquidiocese de Olinda e Recife; e do CEBI – Centro de Estudos Bíblicos, em Pernambuco. Contato: joaoluizcorreia@uol.com.br
[2] Rafael é natural do Recife. Doutorando e Mestre em Ciências da Religião e Bacharel em Direito pela Unicap, e também é graduando em Teologia pela Universidade Católica Dom Bosco. Contato: rafaelvilaca.e.costa@gmail.com

informações preocupantes sobre o interesse dos jovens pela política partidária. Vejamos, então, alguns trechos da matéria: A taxa de jovens entre 16 e 17 anos que tiraram o título de eleitor diminuiu em um terço no ano 2014, se comparada à média dos três últimos pleitos presidenciais. Neste ano, apenas um em cada quatro jovens nessa faixa etária se alistou, era a proporção mais baixa do século até agora (a partir do cruzamento dos dados de alistamento do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) com os da projeção da população do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE).

Em 2008 e 2012, a taxa de adolescentes que tirou título de eleitor para votar em prefeitos e vereadores foi de cerca de 43% em relação ao total de jovens dessa idade. Nas disputas de 2002, 2006 e 2010, a proporção ficou entre 36% e 37% em cada uma. Em 2014, o índice caiu para 26%.

Segundo o professor de Ciência Política da USP, José Álvaro Moisés, “as distorções da política brasileira foram criticadas de maneira muito forte nas manifestações de junho de 1013. Segundo ele, a falta de confiança dos jovens nas instituições políticas existentes no Brasil é uma das explicações de por que adolescentes que se engajaram em protestos recentes preferem não participar do processo eleitoral.

O crescimento de organizações que questionam as instituições tradicionais está ligado a esse fenômeno. O Movimento Passe Livre, por exemplo, foi símbolo das manifestações de 2013 em São Paulo e hoje promove discussões sobre o Brasil em escolas públicas. Mariana Toledo, de 28 anos, representante do Movimento Passe Livre afirma: “A política não se faz só em um dia ou a cada dois ou quatro anos. Para nós, é mais importante convencer os jovens de que eles devem se mobilizar ativamente pelos seus direitos, do que conceder uma procuração a um governante para fazer isso por eles”.

É difícil mensurar o quanto essa opinião cresce entre os jovens, mas a onda de manifestações e a queda do alistamento entre adolescentes são indícios que apontam nessa direção. Outra pista é a quantidade de eleitores entre 18 e 24 anos que dizem que vão votar branco ou nulo neste ano. Em julho, 17% disse isso ao Ibope, 7 pontos porcentuais acima que do mesmo mês de 2010. Cientistas políticos dizem ver o interesse pela política aumentando nos jovens ao longo dos últimos anos, apesar da queda no alistamento.

Segundo o Prof. Humberto Dantas, do INSPER – Instituto de Ensino e Pesquisa, de São Paulo, “É uma geração crítica. Não acredito que as redes sociais formem ativistas de sofá”... mas falta conteúdo para o jovem entender que o voto é importante”. Sem dúvida, a participação de cada um de nós na política, inclusive na política partidária, candidatando-se a um mandato ou elegendo alguém em tempos de eleição (com o devido acompanhamento desse mandato), é importante por – pelo menos – dois motivos:

Primeiro motivo: do ponto de vista da cidadania

Para Herbert de Souza, o sociólogo conhecido como Betinho,

> Cidadania é a consciência de direitos democráticos, é a prática de quem está ajudando a construir os valores e as práticas democráticas. No Brasil, cidadania é fundamentalmente a luta contra a exclusão social, conrta a miséria; é mobilização concreta pela mudança do cotidiano e das estruturas que beneficiam uns e ignoram milhões de outros. É querer mudar a realidade a partir da ação com os outros, da elaboração de propostas, da crítica, da solidariedade e da indignação com o que ocorre entre nós. (SOUZA, 1995)

Cidadão / cidadã, conclui Herbert de Souza, é a pessoa que tem consciência de seus direitos e deveres humanos e participa ativamente de todas as questões da sociedade. Um cidadão com sentido ético forte e consciência de cidadania não abre mão desse poder de participação (SOUZA, 1995).

A participação na política partidária, mesmo que seja pelo simples ato de votar é, portanto, uma das formas cidadãs de participar da vida em sociedade. Estão errados os que se aproveitam da política só pensando em si mesmos, bem como os que não querem saber de política, fechando os olhos para os problemas do campo ou da cidade onde mora, e para o seu compromisso com a resolução desses problemas, na busca de uma melhor qualidade de vida.

É nessa linha de pensamento que o poeta e teatrólogo alemão Bertolt Brecht[3] nos questiona com o poema “O ANALFABETO POLÍTICO”:

> O pior analfabeto é o analfabeto político.
> Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos.
> Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio, dependem das decisões políticas.
> O analfabeto político é tão alienado que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política.

[3] Bertolt Brecht foi um destacado dramaturgo e poeta alemão do século XX.

> Não sabe ele que, da sua ignorância política, nasce a prostituta, o menor abandonado,
> e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, corrupto e lacaio das empresas nacionais e multinacionais.

Política, no sentido amplo da palavra, é – dessa forma – a luta pelo BEM COMUM, ou seja, pelo bem-estar de todas as pessoas da Cidade, do Município, do Estado, da Região, do País, do Continente e do Mundo. De fato, a palavra "política" vem da palavra grega *pólis*, que significa cidade. Assim, política é o compromisso de cada cidadão e cidadã com a sua cidade, ou seja, com o meio e com o grupo social onde vive.

Segundo motivo: do ponto de vista da fé cristã

Como pessoas de fé cristã, somos chamados(as)/ vocacionados(as)[4] para agir em prol do bem comum. A luta pelo bem comum, conforme a prática de Jesus, é o centro da fé cristã. Assim, todas as pessoas que professam a fé em Jesus Cristo (católicas ou protestantes) são chamadas (vocacionadas) a proceder eticamente em prol da vida (ECHEGARAY, 1984).

O Evangelho segundo Mateus chega a afirmar que seremos julgados por Deus a partir da nossa atuação social em prol das pessoas que sofrem algum tipo de exclusão social, por meio da prática fundada no compromisso ético-político de solidariedade. Isso está bem claro em Mt 25,31-46 (a única perícope dos Evangelhos que trata do conteúdo do juízo final):

> 31 «Quando o Filho do Homem vier na
> sua glória, acompanhado de todos os anjos,
> então se assentará em seu trono glorioso.
> 32 Todos os povos da terra serão reunidos diante dele, e ele
> separará uns dos outros,
> assim como o pastor separa as ovelhas dos cabritos.
> 33 E colocará as ovelhas à sua direita, e os cabritos à sua esquerda.
> 34 Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita:
> 'Venham vocês, que são abençoados por
> meu Pai. Recebam como herança
> o Reino que meu Pai lhes preparou desde a criação do mundo.
> 35 Pois eu estava com fome, e vocês me deram de comer;
> eu estava com sede, e me deram de beber;
> eu era estrangeiro, e me receberam em sua casa;
> 36 eu estava sem roupa, e me vestiram;
> eu estava doente, e cuidaram de mim;
> eu estava na prisão, e vocês foram me visitar'...

[4] Do verbo "chamar", proveniente do latim "vocare", daí a palavra "vocação".

Como se vê nesse texto do Evangelho, as pessoas serão julgadas pela fé que tiverem em Jesus, isto é, pelo reconhecimento e compromisso com a pessoa concreta de Jesus. Porém, onde está Jesus? Está identificado com os pobres e oprimidos, marginalizados por uma sociedade baseada na riqueza e no poder. Por isso, o julgamento será sobre a realização (ou não) de uma prática de justiça em favor da libertação dos pobres e oprimidos (PIKAZA, 1995).

A fé cristã, portanto, não é coisa teórica ou mero sentimento interior; é compromisso que se manifesta concretamente em ações visíveis em prol das pessoas (Tg 2,14-26; cf. Mt 7,21). O próprio Jesus não só ficou nas palavras, mas fez: toda sua ação neste mundo visou a restaurar a vida de cegos (Mt 9,28-30), paralíticos (Mc 2,1-12; Mt 11,5), doentes físicos (Mc 1,40-41) e mentais (Mc 5,8); visou a orientar as pessoas, despertando nelas a consciência crítica (Mt 5-7; Jo 13,14-15; Mt 23,1-6). Tal atuação nasce de profunda compaixão (FABRIS, 1988).

Na verdade, o extraordinário em Jesus era o fato de que Ele se misturava socialmente com os últimos dos últimos e se identificava com eles. Por que Jesus agia dessa forma? A resposta surge muito claramente nos Evangelhos: a compaixão.

“Viu uma grande multidão e, tomado de compaixão, curou os seus doentes” (Mt 14,14). “Ao ver a multidão, teve compaixão dela, porque estava cansada e abatida como ovelhas sem pastor” (Mt 9,36, comparar com Mc 6,34). Ele foi tomado de compaixão pela situação e pelas lágrimas da viúva de Naim: “Não chores”, disse-lhe (Lc 7,13). Dizem-nos explicitamente que ele teve compaixão de um leproso (Mc 1,41), de dois homens cegos (Mt 20,34) e daqueles que não tinham o que comer (Mc 8,2).

O que tornou diferente o bom samaritano da parábola foi a compaixão que sentiu pelo homem deixado semimorto à beira da estrada (Lc 10,33). O que tornou diferente o pai amoroso da parábola foi o excesso de compaixão que sentiu por seu filho pródigo (Lc 15,20). O que tornou Jesus diferente foi a compaixão sem limites que ele sentiu pelos pobres e pelos oprimidos (GALLARDO, 1997).

A palavra “compaixão” é fraca demais para exprimir a emoção que movia Jesus. O verbo grego *splagchnizomai*, usado em todos esses textos, é derivado do substantivo *splagchnon*, que significa intestinos, vísceras, entranhas, ou coração, isto é, as partes internas das quais parecem surgir as emoções fortes. O verbo grego, portanto, significa movimento ou impulso que brota das próprias entranhas da

pessoa, uma reação das tripas. É por isso que os tradutores precisam lançar mão de expressões como “ele foi tomado de compaixão ou piedade”, ou “ele sentiu piedade”, ou “seu coração se comoveu com eles”. Mas nem mesmo essas expressões conseguem captar o profundo sabor físico e emocional da palavra grega para compaixão (NOLAN, 1998).

A compaixão de Jesus pelos empobrecidos(as) é resposta ao sofrimento por que passa o ser humano em tal situação. É importante sentir compaixão e simpatia pelos que sofrem, mas tudo isso se tornará um mero sentimentalismo estéril se não mover a pessoa a uma ação concreta (LOHSE, 2000). Jesus partiu para libertar as pessoas de toda forma de sofrimento e angústia. E o fez concretamente através do contato físico com doentes (por ex. Mc 1,31.41; 6,56; 8,22-25). Ele as tocava, tomava-as pela mão, ou colocava sua mão sobre elas (PIKAZA, 1995).

Por meio de tal prática, estava naturalmente incutido o desejo de despertar a mesma compaixão e a mesma fé nas pessoas ao seu redor. Nisso estaria se configurando concretamente a instauração do Reino de Deus no contexto concreto da história humana (GNILKA, 2000). De fato, o Reino de Deus, como categoria teológica, expressa-se concretamente na história por meio de atitudes políticas que se fundam na solidariedade. A fé cristã é essencialmente comunitária, social. O seu ponto de referência é o Outro (Deus) e o outro (homem-mulher) (MALONEY, 2008).

Conclusão

Seja qual for a nossa pertença religiosa, ou mesmo sem pertença religiosa alguma, todos nós somos chamados / interpelados à compaixão pelos que sofrem. Que essa compaixão nos leve a uma mobilização solidária, que deslancha em ações concretas em prol dos/as crucificados/as pelo sistema político social injusto em que vivemos.

Reginaldo Veloso, alagoano de nascimento e recifense de coração, teólogo, especialista em Liturgia, historiador, escritor e compositor, tem interessante reflexão sobre esse tema e, com ela, concluo este artigo:

> Por que POLÍTICA?...
> Pode um cidadão não se preocupar com sua cidade?...
> Pode um cristão não tomar pra si as dores do seu povo?...
> Pode um pastor ficar indiferente, quando os lobos ameaçam devorar as ovelhas?
> Companheiro, meu irmão! Companheira, minha irmã!
> Por amor de Deus, tire de sua cabeça

> que política é só meio de vida e corrupção...
> que todo político calça quarenta.
> É isso que os políticos interesseiros e corruptos querem:
> Que você vote nulo...Vote em qualquer um...
> Venda seu voto por dinheiro... Ou troque por favores em tempo de eleição...
> Desse jeito, você estará entregando o ouro aos bandidos e a cidade às baratas...
> Pois se a gente não vota com responsabilidade,
> Se a gente não escolhe os melhores,
> Tem quem eleja os piores!
> VOTAR com consciência e seriedade
> é um dever elementar do cidadão...
> é um serviço importantíssimo que você presta a seu povo como cristão.

É preciso, portanto, entender e assumir que a nossa prática social é, sobretudo, uma prática política. Não podemos dar as costas à política, não podemos dar as costas à nossa missão, se quisermos continuar sendo humanos, no sentido verdadeiro da palavra.

Referências

ECHEGARAY, Hugo. **A prática de Jesus.** Petrópolis: Vozes, 1984.

FABRIS, Rinaldo. **Jesus de Nazaré:** história e interpretação. São Paulo: Loyola, 1988.

GALLARDO, Carlos Bravo. **Jesus:** homem em conflito. São Paulo: Paulinas, 1997.

GNILKA, Joachim. **Jesus de Nazaré:** história e interpretação. Petrópolis: Vozes, 2000.

LOHSE, Eduardo. **Contexto e ambiente do Novo Testamento.** São Paulo: Paulinas, 2000.

MALONEY, Elliott C. **Mensagem urgente de Jesus para hoje:** o Reino de Deus no Evangelho de Marcos. São Paulo: Paulinas, 2008.

NOLAN, Albert. **Jesus antes do cristianismo.** São Paulo: Paulinas, 1988.

PIKAZA, Xabier. **A figura de Jesus:** profeta, taumaturgo, rabino, messias. Petrópolis: Vozes, 1995.

SOUZA, Herbert. Poder do cidadão. In: O que é cidadania? **Revista do IBASE "Democracia"**, n. 113 / 95. São Paulo: IBASA, 1995.